



## APRESENTAÇÃO

O processo de elevação de Nun'Álvares Pereira aos altares encontrou inúmeras dificuldades no trânsito do tempo. Nascido em 1360, na adolescência sonhava ser um novo “Galaaz”, influenciado pelas novelas de cavalaria, que muito gostava de ler. A crise dinástica de 1383-1385 dá-lhe oportunidade de provar que ser Galaaz era, muito mais do que sonho, uma realidade. Sê-lo-ia, antes de mais, em nome da Pátria, na qualidade de Condestável do Reino, em defesa da independência nacional e da unidade católica da Igreja. Naquele tempo, Castela aceitara obedecer ao anti-Papa de Avinhão (Clemente VII), pelo que a entrega da coroa portuguesa a D. João de Castela poria o Reino em situação de cisma e infidelidade a Roma. O triunvirato (D. João Mestre de Aviz, o Condestável Álvares Pereira, o jurista Dr. João das Regras) lutava em duas frentes: a independência nacional e a lealdade à Igreja Universal. Não fora a luta por esta lealdade, e Roma teria certa dificuldade em reconhecer o primado da soberania portuguesa face a Castela.

O título de “Nação Fidelíssima” foi ganho, sem dúvida, nestas difíceis circunstâncias. O sentido de catolicidade eclesial motivou a Casa de Aviz para a Reconquista cristã em África. Cumpre lembrar que o Norte de África, então sob o império muçulmano, fora em parte cristão, e que o domínio árabe abafara as comunidades cristãs, algumas delas do tempo de Santo Agostinho; e que, por conseguinte, a Reconquista abrangia, para além do Algarve, os Algarves, a África do Norte. Nun'Álvares esteve em Ceuta, participando da gesta inicial da Expansão e da Missionação.

Tendo fundado o Convento de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Vencimento em Lisboa, no morro acima do Vale Verde (Rossio) enfrentando o Castelo de S. Jorge, Convento esse que doaria com inúmeros dos seus bens temporais à Ordem dos Irmãos de Nossa Senhora do Carmo, que desde logo povouou a nova casa com frades provindos de Moura, ele mesmo, Nun'Álvares, iniciou a segunda fase da sua vida de Galaaz, agora Galaaz de Deus, ao professar na Ordem que escolhera e na casa que erguera, em 1423. Oito anos depois (1431) faleceria em odor de santidade, a fama de santo ecoando por todo o Reino.

A Casa de Aviz, ainda no tempo de D. Duarte, fez tudo quanto esteve ao seu alcance para obter desde logo uma elevação canónica, mas sem efeito. Novas tentativas foram feitas em 1641, em 1674, em 1894, mas só em 1918, na sequência de sólida campanha iniciada pela Associação Nun'Álvares, apoiada pelos



Bispos, pelas Ordens Terceiras, e propagandeada pela Ala do Santo Condestável, a Santa Sé deu um primeiro passo, reconhecendo a muito antiga fama de santidade, e autorizando um culto público, se bem que restringido a Portugal, cujo Directório Litúrgico situa a memória festiva em 6 de Novembro.

Conforme se depreende do título, esta Antologia contempla Nuno de Santa Maria *in specie*. Não cuidamos de uma escolha de textos relativos à integral personalidade de Nuno – o militar, o patriota, o guerreiro, o monge, o santo – que são facetas inerentes aos nomes em que o identificamos: Conde de Ourém, Nuno Álvares Pereira, Condestável..., cuidamos sobretudo de Frei Nuno de Santa Maria, da sua espiritualidade, dos carismas e das virtudes (cardeais e teológicos) segundo os testemunhos, ou de quem o conheceu, ou de quem o estudou. A Apresentação é muito breve. O que nela tem relevo é a Cronologia Fundamental, pois, com ela, evitamos escrever um esboço biográfico, pois há muitos, e deveras excelentes, e facultamos ao leitor uma visão sequencial e sinóptica das datas mais apelativas – por um lado, as da sua vida, e, por outro lado, as subsequentes e consequentes à morte e projecção na história da Igreja e da Pátria, chamando a conclave as diversas ocasiões em que se pugnou pela beatificação (que muito demorou) e se tem pugnado pela justa canonização (na expectativa da qual vivemos). A completar, uma Seleção Bibliográfica.

A Bibliografia acerca de Nun'Álvares é vastíssima e contempla todas as principais facetas: o Condestável, o Cidadão, o Religioso, tanto do ponto de vista da personalidade, como da interacção na sociedade portuguesa da sua época, como da predominância do seu exemplo nos estudos históricos e culturais relativos à Pátria, à Ordem Carmelita e à Igreja. O primeiro grande documento de âmbito geral personalizado é a *Crónica do Condestabre*, de Autor anónimo do século XV, mas a sua biografia e a sua gesta são tópico fundamental na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes. A partir da *Crónica do Condestabre*, (que Jaime Cortesão adaptou para servir de leitura a jovens, pondo-a em português moderno), Nun'Álvares suscitou imensidade de títulos, entre os quais a biografia segundo Oliveira Martins, tantas vezes citada, e reeditada, a *Vida de Nun'Álvares* (1891). Existem, aliás, muitas outras biografias, entre elas as modernas devidas a D. António dos Reis Rodrigues e a Henrique Barrilaro Ruas. O culto a Nuno de Santa Maria acha-se documentado em inúmeras instituições que o tomaram para seu padroeiro (Arma de Infantaria), ou titular, Colégios, Escolas, Institutos, Movimentos laicais (Ala do Santo Condestável, Fraternidade Nun'Álvares, Cruzada Nun'Álvares...) e para designações toponímicas em Praças, Ruas, Capelas e Igrejas Paroquiais, etc.

Motivou e motiva poetas (Junqueiro, Corrêa d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira, Augusto Casimiro, Fernando Pessoa, Couto Viana, Moreira das Neves...)



desde Luís de Camões; e também músicos, que produziram variedade de cânticos e de hinos (Manuel Nunes Formigão, Venceslau Pinto, Inácio Aldossoro, M. Pacheco, Luiz Gonzaga Mariz, José Ferreira...) desde as remotas chacóinas ou músicas com que os habitantes da zona saloia de Lisboa abrilhantavam as suas peregrinações ao túmulo do Conde Santo na Igreja do Convento do Carmo.

Do ponto de vista bibliográfico estimamos que o tema se inclua entre aqueles que maior volume de títulos tem produzido – Santa Isabel, Santo António, S. João de Deus, com a diferença em excesso porque, em vista da história política, Nuno Álvares é muito mais referenciado, tanto directa como indirectamente. Por isso, a Selecção Bibliográfica apresentada é muito restrita, considerando apenas títulos inevitáveis porque atentos à espiritualidade. O leitor desejoso de saber mais achará complemento nos Inventários que na Selecção indicamos, sobretudo o devido ao Padre Bernardo Xavier Coutinho (fal. 1981) e também ao legado por outros investigadores, entre eles Fr. Balbino Velasco, O. Carm., na excelente *História da Ordem do Carmo em Portugal* (2001).

A Antologia está organizada em três módulos:

*Memórias e Estudos* inclui uma escolha muito exigente das fontes coevas e das exegeses modernas. Este módulo destina-se principalmente a salientar as formas como Nuno Álvares foi visto pelos do seu tempo, e como tem sido visto pelos exegetas modernos, em termos de espiritualidade. O ensaio de Domingos Maurício vem no final dos autores medievais e antes de Pereira de Sant’Anna, que é do século XVIII. Razão: o cerne do ensaio de Domingos Maurício revela textos do século XV, da época da primeira tentativa de canonização. Acerca dos demais textos escolhidos, dispensamo-nos de outros comentários, salvo duas notas, a saber: omitimos qualquer trecho de Oliveira Martins, apenas porque quanto ele escreve acerca do santo está nas fontes medievais e setecentistas, e porque, conforme já anotara o Padre Valério Cordeiro, na muito sugestiva obra de Oliveira Martins falta uma nítida embebência no espírito carmelita, o qual se acha prioritariamente contemplado nos demais trechos. Todos estes demais trechos são da pena de exegetas que ao Beato Nuno dedicaram ascéticas e litúrgicas vigílias, oferecendo, a nosso ver, excelentes entendimentos do espírito condestabriano.

O segundo módulo, *Hinos e Poemas*, foi ainda de mais difícil selecção, dada a abundância de escritos e de criações poéticas e dramáticas. Por isso, limitámos a escolha a poucos textos, privilegiando as letras das chacóinas medievais e os hinos litúrgicos ou para-litúrgicos, entre eles o que o Padre Moreira das Neves compôs para a Peregrinação Nacional das Relíquias (1960) e o de Manuel Nunes Formigão, que tanto ensaiou a ligação do culto de Nuno ao culto de Fátima, sob a diáde Fé e Pátria. Com prejuízo de outros – Junqueiro incluído – seria impensável omitir Fernando Pessoa.



O terceiro e último módulo contém *Documentação Canónica*. É hoje em dia possível reunir em volumoso Cartulário os documentos canónicos aduzidos no decurso dos tempos em vista da beatificação/canonização. É-nos materialmente impossível propôr mais textos do que os inclusos, mediante os quais, não obstante, o leitor obterá um aperitivo das complexidades e dificuldades dos actos conclusivos, mormente após o Decreto “Clementissimus Deus” da beatificação. Foi-nos entretanto possível revelar a ainda inédita Súplica dirigida ao Papa Pio XII pelo Cardeal Cerejeira, e o discurso do Cardeal Cruz Policarpo no encerramento do Processo diocesano de Canonização, ora em curso em Roma, através da Postulação Geral dos Carmelitas. Para melhor inteligência da complexidade processual, o leitor poderá obter informes adicionais na leitura da Cronologia Fundamental.

A título de curiosidade incluímos uma Selecção Iconográfica. A iconografia condestrabriana – pagelas, retratos, pinturas, imagens, esculturas, medalhística, azulejaria é um mundo infindável, em obras assinadas pelos mais conceituados artistas.

Ainda quanto à escolha, decidimos, em consciência, levar também em linha de conta a vantagem de chamar a concílio escritos públicos mas que são hoje em dia quase inacessíveis excepto em Bibliotecas públicas, enquanto a Vida, segundo Oliveira Martins, continua a ser encontrada no mercado em diversas edições.

No que à ortografia inere, optámos por manter a original dos textos, mesmo dos antigos, ou inéditos, conservando-lhes o sabor ainda medievalizante, ou a pureza dos porventura inéditos. Tanto quanto possível mantivemos na íntegra cada um dos textos escolhidos, salvo num que noutra caso. Indicamos de cada um a respectiva fonte.

É nosso dever o agradecimento às pessoas que nos autorizaram a inclusão de alguns textos dos autores contemporâneos. Ao Padre A. Vaz Pinto (*Brotéria*), e ao Padre J. Vaz de Carvalho, felizmente ainda vivo. Às Senhoras viúvas de Henrique Barrilaro Ruas e de Lima de Freitas. D. António dos Reis Rodrigues que dera oportuna autorização veio a falecer (3.2.2009) mas o seu gesto foi-nos aceite pelo seu editor, Manuel Vieira da Cruz. Licença pessoal foi-nos dada ainda pelo antigo carmelita P. Kallenberg, mas quanto ao historiador Manuel Maria Wermers, também holandês, não lográmos estabelecer contacto com a Senhora sua viúva, D. Maria Luísa Wermers. Fernando Guedes, antigo director da revista “Tempo Presente”, não viu inconveniente na transcrição do artigo de D. Francisco Rendeiro. Do Padre Formigão recebemos a gentileza das Servas Reparadoras de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> das Dores de Fátima. No que se refere aos ilustres autores de belíssimos textos que seria grave não considerar (Álvaro da Costa Pimpão e Monsenhor Mendeiros, falecido em 2000, e que nos deu o favor da sua esti-



ma) as tentativas de identificar os seus representantes resultaram infrutíferas, o mesmo podendo dizer-se de outros autores como os poetas Corrêa d'Oliveira e Moreira das Neves que, aliás, publicaram os textos antologiadados na Revista *Carmelo Lusitano*, da Ordem do Carmo. Às Servas da Santa Igreja pelo sermão do seu fundador, o servo de Deus, M. M. da Conceição Santos. Também a S. E. o Cardeal Cruz Policarpo que desde logo autorizou a inclusão do seu discurso - cremos que última peça antes da aprovação dos Decretos sobre as Virtudes e o Milagre, que abriram as portas à canonização de S. Nuno de Santa Maria (Santo Condestável Nuno Álvares Pereira).

Cumpre-nos ainda agradecer aos amigos Frades Carmelitas, pelas ajudas recebidas, salientando Fr. Manuel de Freitas e, sem dúvida, Fr. Francisco José Rodrigues, Vice-Postulador, por se ter disposto a honrar-nos com um Prefácio e pela mútua ajuda na tarefa da Comissão Histórica.

Por fim, especial agradecimento a S. E. o Cardeal D. José Saraiva Martins (agora Cardeal Bispo da Igreja Suburbicaria de Palestrina), obreiro maior da causa de S. Nuno, enquanto Prefeito da Congregação das Causas dos Santos, que fez dessa causa um objectivo tão ansiado que, uma vez conseguida a aprovação dos dois Decretos em 3 de Julho de 2008, logo depois pediu a exoneração do cargo, fechando a sua actividade na Causa com chave de ouro para Portugal. A dever lhe ficamos, ainda, as generosas palavras com que se dignou prefaciá-lo este nosso trabalho, cujo mérito pertence, não a nós, mas aos autores antologiadados. Possa esta selecção de escritos motivar novas reflexões acerca de quem, há muito, goza do título de Santo.

J. Pinharanda Gomes

*Membro da Comissão Histórica do Processo  
da Causa da Canonização do Beato Nuno de Santa Maria*

